

De: MOACIR GADOTTI (*), professor titular da Universidade de São Paulo e diretor do Instituto Paulo Freire

Para: “Revista do Professor” – MEC

RP-MEC – *Dos grandes desafios da educação brasileira, considerados pelo senhor, qual o mais urgente na realidade atual do País?*

Moacir Gadotti – A educação brasileira, comparada com outros países, mesmo da América Latina, tem um grande atraso, sobretudo na escolaridade dos mais pobres: mais de 16 milhões não têm nenhum grau de escolaridade e quase 17 milhões não completaram a quarta série do ensino fundamental. Portanto, 33 milhões de brasileiros acima de 15 anos podem ser considerados analfabetos. Penso que esse é o maior desafio atual da educação brasileira. O MEC, acertadamente, está muito empenhado numa grande mobilização pelo fim do analfabetismo no Brasil. Para atingir essa meta, contudo, o governo precisaria disponibilizar mais recursos financeiros. Será necessária, ainda, a participação efetiva das três esferas de governo e da sociedade civil organizada, além das empresas e das universidades.

RP-MEC – *Por que esse atraso todo na educação de jovens e de adultos no Brasil?*

Moacir Gadotti - Tivemos, até bem muito recentemente, uma política governamental que desvalorizava a Educação de Jovens e Adultos sob o argumento de que os analfabetos mesmos *não demandavam alfabetização* e quem deseja alfabetizar a população eram apenas os educadores, que a alfabetização não influiu no *rendimento* das pessoas e nem ajudava na busca por um *emprego*. Na verdade, estudos do próprio Banco Mundial mostram hoje que os participantes em programas de alfabetização têm maior *confiança* e *autonomia* no interior de suas famílias e comunidades, *augmentam sua produção* e seus ganhos usando informações recebidas nos programas de alfabetização e desenvolvem *novas e produtivas relações sociais* através de seus grupos de aprendizagem. Lutamos por uma educação de adultos de qualidade porque ela é um dever do Estado. O analfabetismo é a expressão de nossa pobreza e a negação de um direito fundamental do cidadão.

RP-MEC – *Como Paulo Freire reagiria a tudo isso? O que a educação brasileira assimilou do seu pensamento e de sua práxis?*

Moacir Gadotti – É boa a referência a Paulo Freire neste momento. Temos que nos lembrar de sua esperança e de sua luta em favor de uma educação como prática da liberdade e seu compromisso com os excluídos. Numa época em que nos tentam convencer de que não há outro mundo possível e que, cansados

da luta, sofremos a tentação de nos render a esse discurso, a obra de Paulo Freire é uma grande fonte de inspiração. Paulo Freire e sua *mensagem de luta e de esperança* continuam vivos, sobretudo entre os educadores populares. Se Paulo Freire estivesse vivo hoje certamente estaria se mobilizando, agora que temos Lula na Presidência, para acabar de vez com o analfabetismo no Brasil.

RP-MEC – *Qual é o papel da ONGs nesse movimento de erradicação do analfabetismo proposto como política pública do MEC e do governo Lula?*

Moacir Gadotti - A Sociedade Civil pode dar uma grande contribuição para a eliminação do analfabetismo no Brasil, mas o Estado precisa fazer a sua parte. Educação é dever do Estado. No caso do analfabetismo a Sociedade Civil está fazendo a sua parte, colocando sua grande experiência nesse campo, à disposição do Estado e, em particular, da nova Secretaria Nacional de Erradicação do Analfabetismo. Paulo Freire, quando Secretário Municipal de Educação de São Paulo, deu um belo exemplo de *parceria* entre Estado e Sociedade Civil, criando o MOVA-SP (Movimento de educação de Jovens e de Adultos da Cidade de São Paulo). O MOVA-SP, herdeiro da tradição do movimento de educação popular, serviu de referência para outras experiências e a avaliação realizada posteriormente mostrou que ele trouxe ganhos relevantes para a formação dos educadores, dos educandos e para o fortalecimento dos movimentos sociais e populares.

RP-MEC – *O senhor tem insistido na importância da Educação Popular para enfrentar os desafios da educação brasileira. Como isso seria possível?*

Moacir Gadotti - Creio que a Educação Popular, como concepção geral da educação, tem sido a mais importante contribuição latino-americana ao pensamento pedagógico universal. Nela podemos buscar inspiração para construir um “outro mundo possível”. Ela não é uma concepção estática da educação. Ela é uma concepção dinâmica, em constante evolução, guardando seus princípios e adequando-se a novos contextos. No meu entendimento, o seu marco referencial teórico desta concepção está sustentado em quatro *intuições originais* dessa concepção da educação: 1) a ênfase nas condições gnosiológicas do ato educativo; 2) a defesa da educação como ato dialógico; 3) a noção de ciência aberta às necessidades populares e 4) o planejamento comunitário e participativo.

RP-MEC - *O que o professor deve entender por educar, hoje, na era do conhecimento, nessa perspectiva?*

Moacir Gadotti - O papel da educação não pode ser confundido apenas com sua ligação fundamental e intrínseca com o conhecimento e, muito menos, com a pura transmissão de informações. E educação, na era da informação, a educação no mundo globalizado, tem uma função menos *lecionadora* e mais *organizadora* do conhecimento. Numa época em que o conhecimento é difundido

em muitos espaços de formação, a educação precisa, muito mais, dar sentido ao conhecimento socialmente valorizado, e, numa *perspectiva emancipadora*, ela se constitui num processo que precisa ser estendido a todos e a todas. Portanto, se quiser contribuir na construção de um outro mundo possível, ela precisa ser essencialmente inclusiva.

RP-MEC – *Durante o Fórum Social Brasileiro, realizado de 6 a 9 de novembro último, em Belo Horizonte, foram discutidos diferentes rumos para um “Brasil necessário”, também no campo da educação. O Brasil é um país com a presença de uma grande diversidade e heterogeneidade. Como lidar com tantas diferenças?*

Moacir Gadotti - A diversidade, bem como a heterogeneidade, na educação não é um defeito, mas uma virtude. A diversidade é a riqueza da humanidade. Nós, educadores e educadoras, precisamos aprender a lidar com ela. Em geral, fomos educados para ensinar e aprender a partir de um aluno médio, de uma educação média, abstrata e ideal. Não levamos em conta as diferenças. Sem dúvida, as *políticas de igualdade* são importantes para permitir o acesso e a qualidade da educação para todos. Contudo, precisamos de *políticas de identidade* e de equidade que respeitem as diferenças e as identidades.

RP-MEC – *O senhor é um dos responsáveis pela organização do “Fórum Mundial de Educação de São Paulo”, marcado para o próximo ano. O que vai ser discutido nesse Fórum?*

Moacir Gadotti – De 1 a 4 de abril do próximo ano, a Cidade de São Paulo realizará o maior evento educacional do país, celebrando os seus 450 anos de existência, dentro do “espírito de Porto Alegre” que também realizará a terceira edição do Fórum Mundial de Educação, no final de julho. O FME está se constituindo em uma rede permanente de mobilização mundial, integrada por educadoras(es), estudantes, movimentos sociais e populares, organizações governamentais e não governamentais e entidades sindicais buscando construir essa “outra educação possível”. Nós queremos contribuir para com uma *Plataforma Mundial de Educação* que seja inclusiva e cidadã. Seu tema geral é “Educação Cidadã para uma Cidade Educadora”.

RP-MEC – *Cidadania implica solidariedade, valores éticos construídos, absorvidos, exercitados, mas o mundo segue rumo oposto. A prática da escola brasileira está ainda muito distante do que se espera da Escola Cidadã?*

Moacir Gadotti - A *cidadania* e *autonomia* são hoje duas categorias estratégicas de construção de uma sociedade melhor em torno das quais há freqüentemente consenso. Essas categorias se constituem na base da nossa identidade nacional tão desejada e ainda tão longínqua, em função do arraigado individualismo, tanto das nossas elites, quanto das fortes corporações, ambas dependentes do Estado paternalista. É a própria escola que deve mudar, por

dentro, a partir dela mesma. Mas ela, sozinha, não muda, sem uma *concepção de Estado* e de educação. Daí a necessidade das novas diretrizes de governo em favor dos setores mais excluídos da sociedade. Historicamente o Estado brasileiro tem sido monopólio das elites econômicas. A escola estatal não é necessariamente pública. Para ser pública ela precisa ser democratizada, isto é, possibilitar a participação da comunidade escolar, interna e externa, em todos os seus níveis de decisão e ação político-pedagógicas. Para mudar, a escola precisa apoiar-se na sociedade, através da criação de uma *esfera pública de decisão não estatal*, como o emblemático “orçamento participativo” e a “constituente escolar”, elementos constitutivos da Escola Cidadã.

RP-MEC – *O que é preciso para mudar a educação, para que seja inclusiva, cidadã, para construir essa “outra” educação pública de qualidade?*

Moacir Gadotti - Para mudar, não basta que a análise dos governantes e as soluções apontadas estejam corretas. É preciso que elas sejam legitimadas pela discussão coletiva. Quem opera a mudança é o coletivo. A escola pública de qualidade para todos precisa ser uma escola em rede de colaboração solidária em todos os níveis, buscando a construção *democrática radical* como alternativa pós-capitalista. As *redes* em educação se constituem em espaços abertos que se auto-reproduzem e assim se fortalecem, constituindo-se em movimentos em permanente mudança. A escola precisa passar de uma concepção de educação como produção em série (seriação) e de repetição de saberes da sociedade industrial, da parcelarização do conhecimento, para uma *concepção transdisciplinar, intertranscultural*, própria da era da informação pós-industrial, onde predominam a autonomia e a aprendizagem colaborativa, onde todos podem “dizer a sua palavra” (Freire).

RP-MEC – *Os salários dos professores não tem sido dos melhores. Que motivos tem hoje um jovem para escolher a profissão de professor?*

Moacir Gadotti - Essa é uma pergunta que tenho ouvido com frequência nesses 43 anos de magistério, sobretudo nos últimos anos. Talvez esteja aqui a chave para entender a crise que vivemos: perdemos o sentido do que fazemos. Ensinar vem de do latim “*insignare*”, que significa “marcar com um sinal”, indicar um caminho, um sentido. Somos essencialmente *profissionais do sentido*. Educamos quando ensinamos com sentido. Educar é impregnar de sentido a vida. A profissão docente está centrada na vida, no bem viver. Muitas crianças e jovens chegam hoje à escola, muitas vezes, sem saber porque estão aí. Não vêem sentido no que estão aprendendo. Querem saber, mas não querem aprender o que lhes é ensinado. E aí entra o *papel do professor*: construir sentido, transformar o obrigatório em prazeroso, selecionar criticamente o que devemos aprender, numa era de impregnação de informações.

RP-MEC – *Além dos salários, os professores tem se queixado das dificuldades de ensinar e das péssimas condições de trabalho. É difícil ser professor hoje?*

Moacir Gadotti - Ser professor hoje, não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, seu papel vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos no *ofício de ensinar*, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanente. Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo, com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem professores. Eles não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Eles fazem fluir o saber, porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, numa *visão emancipadora*, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis.

(*) **Moacir Gadotti**, doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra, é professor titular da Universidade de São Paulo e Diretor Geral do Instituto Paulo Freire em São Paulo. Escreveu vários livros. Entre eles: *Convite à leitura de Paulo Freire* (traduzido em japonês, espanhol, italiano, inglês), *A educação contra a educação* (francês e português), *Pedagogia da práxis* (português, espanhol, inglês), *História das idéias pedagógicas* (português, espanhol), *Perspectivas atuais da educação*, *Pedagogia da Terra* e *Um legado de esperança*, sobre Paulo Freire. Seu livro *Paulo Freire: uma biobibliografia*, com cerca de 800 páginas, é o trabalho mais completo disponível sobre a vida e a obra de Paulo Freire.